

Os lugares nos territórios de Coimbra: espacialização dos quotidianos

Claudete Oliveira Moreira

Centro de Estudos Geográficos de Coimbra

Introdução

No tempo presente - o da modernidade tardia -, as experiências de vida diversificam-se no espaço, e os próprios espaços diversificam-se de modo crescente, sendo designada como a era 'sem-lugares' ou dos 'não-lugares' (ENTRIKIN, 2003: 559).

O *lugar* (*place*, *lieu*) é um conceito central em geografia. O fundador da escola francesa de geografia, Vidal de La Blache (1845-1918), definia a geografia, precisamente, como a 'ciência dos lugares'; o geógrafo alemão Walter Christaller (1893-1969) tornou-se referência incontornável com a tese de doutoramento "os lugares centrais no Sul da Alemanha". Contudo, vai ser com os geógrafos humanistas, nos finais da década de 70 e inícios da década de 80 do século XX, que os *lugares* vão adquirir propriedade científica, pois até à década de 60, daquele século, a região, como *lugar*, protagonizava as interpretações geográficas. O *lugar* vai impor-se nos anos 90, do século XX, como conceito chave (STASZAK, 2001: 249). Esta omnipresença dos *lugares* em geografia leva a que CRESSWELL (2004: 1) afirme que intuitivamente a geografia humana é o estudo dos *lugares*, este é o seu principal objecto de estudo, ainda que lhe reconheça outros interesses de investigação.

Apesar deste protagonismo dos *lugares* nos estudos científicos, é notada, nomeadamente por FRÉMONT (1980: 121), a escassez da palavra *lugares* nos discursos geográficos. Também ENRIKIN (2003: 559) se refere à posição modesta que o *lugar* ocupa nos estudos da vida urbana contemporânea. No entanto, hoje, parece recrudescer na geografia o interesse pelos *lugares*, enquanto referenciais primeiros numa sociedade, numa cultura, numa economia, que do ponto de vista geográfico se globalizam crescentemente.

Começando por abordar as noções de *lugar*, de espaço, de território e de territorialidade, o presente artigo procura espacializar os quotidianos da população residente no centro urbano de Coimbra, partindo dos *lugares* que servem de referência para residir, exploram-se os *lugares* de emprego, de consumo e de lazer.

O(s) *lugar(es)*, o(s) espaço(s), o(s) território(s) e a(s) territorialidade(s)

Os *lugares*, pontos num sistema de coordenadas geográficas, para além da existência física, objectiva,

são espaços de relação e de mediação no quotidiano, sendo importantes para as realizações individuais e colectivas. As experiências das pessoas com os *lugares* e nos *lugares* são relevantes para a apropriação, para a significação e para a construção subjectiva dos mesmos.

Através das experiências individuais quotidianas nos *lugares*, no espaço, no território, desenvolvem-se sentidos de pertença e referenciais espaciais importantes para as biografias individuais e para a identidade espacial. Configuram-se assim, a partir dos *lugares* de residência, de emprego, de consumo e de lazer, as geografias individuais, marcadas do ponto de vista espacial e social por imposições crescentes: de mobilidade espacial, de limites temporais, de concepções de bem-estar e de qualidade de vida. A análise sob esta perspectiva faz emergir a dimensão humana dos *lugares*.

O carácter polissémico daquelas que são as noções geográficas mais elementares: as noções de *lugar*, de espaço e de território, utilizadas muitas das vezes indiscriminadamente, pelos geógrafos, e não só, como sinónimos, impõe que numa primeira instância se clarifique o entendimento que aqui os termos assumirão, uma interpretação claramente centrada no âmbito de uma geografia humana.

Neste artigo o *lugar* será interpretado como o local, como a mais pequena das unidades espaciais, como o faz LUSSAULT (2003: 562), sendo assim conotado com a grande escala geográfica¹ onde se localizam os quadros de vida quotidianos, são assim tratados os "lugares funcionais" (MUÑOZ, 1992: 15). Aqueles *lugares* que estão "inscritos no espaço das práticas quotidianas" e que DEBARBIEUX (1996: 29) designa como "lugares comuns". Segundo LUSSAULT (2003: 561) o *lugar* constitui a "base da vida social", ideia defendida algumas décadas antes por

¹ LÉVY (2003: 561) considera a distância irrelevante na definição de *lugar*. Para este geógrafo em certos fenómenos, nomeadamente de comunicação, o mundo pode ser considerado um *lugar* e, deste modo, o *lugar* dizer respeito a uma pequena escala geográfica. Neste sentido, "o campo de aplicação do conceito de *lugar* é muito vasto" (STASZAK, 2001: 253).

FRÉMONT para quem “os lugares (...) formam a trama elementar do espaço” (1980: 121-122), sublinhando que estas estruturas do espaço, *os lugares*, são as mais fundamentais. Para DI MÉO (2000: 42) há uma trilogia que caracteriza os lugares: i) a breve continuidade; ii) a contiguidade dos pontos e iii) a co-presença de seres e de coisas.

Os *lugares* são estruturantes do espaço, servem de referenciais, conferem-lhe significado, são elos que se encadeiam de modo diferenciado de acordo com as trajetórias individuais que quotidianamente cada pessoa estabelece no espaço, para constituir os seus territórios de pertença, sendo essenciais para se compreender como se configuram espacialmente as territorialidades individuais e colectivas. Para DEBARBIEUX (1996: 15) os *lugares* combinam-se de forma orgânica no espaço geográfico e em número infinito são seleccionados e influenciados pelas lógicas sociais. Pode-se inferir que o espacial e o social se imiscuem na compreensão dos *lugares*, pois a projecção espacial do social, cada vez mais eclético, simbólico, estilizado, converte o *lugar* frequentado como fundamental para a diferenciação e para a integração clastista quotidiana.

O espaço é aqui entendido como o elemento geográfico mais amplo onde se localizam os *lugares*. Segundo DEBARBIEUX (1996: 14) são os *lugares* geográficos, estruturados e agregados, que constituem o espaço geográfico. E, se o termo *lugar* remete para o concreto, o espaço surge como um conceito mais abstracto, havendo espaço entre os *lugares* (CRESSWELL, 2004: 8), sendo também o espaço associado à “ausência de ocupação, é ‘onde não há nada’”, como refere SANTOS (2003: 219). TUAN (2002: 179), por seu turno, associa o espaço a movimento e o *lugar* a pausa, também HARVEY (2004: 294) conota o *lugar* com um sentido estático, quando o associa a ‘permanência’. Efectivamente o espaço, o vazio, que existe entre os *lugares* é ocupado por redes, materiais ou imateriais, que suportam as mobilidades. O espaço que aqui se privilegia é o espaço de vida que é “frequentado e percorrido por cada um com um mínimo de regularidade” no fundo o espaço que é constituído pelos lugares “onde se cristaliza a existência individual” (DI MÉO, 1998: 30).

O território aparecerá referido como sendo constituído pelos *lugares* e pelos espaços da vida quotidiana. Ainda que o território, ao ser entendido como construção social, como aqui se pretende, seja mais do que a mera soma de *lugares* geográficos (DEBARBIEUX, 1996: 14). Quando os *lugares* e o espaço são apropriados convertem-se em território(s). Para GAMA (1988: 74) “falar de território é falar de um espaço produzido, vivido e representado”. Assim, o(s) território(s) quotidiano(s) de cada pessoa resulta(m) de uma combinação de *lugares* e de escalas.

A vida quotidiana é marcada por uma ‘rotinização’ (DI MÉO, 1998: 171; SANTOS, 2001: 354 e 385; ÅQUIST, 2004: 167; SIMONSEN, 2004: 44; MOREIRA, 2005: 65), expressa em ritmos espaço-temporais que se baseiam na natureza, e na cultura (ÅQUIST, 2004: 167). A primeira decorre da satisfação de necessidades biológicas e a última das responsabilidades sociais, que as diferentes pessoas assumem a dois níveis: na organização social e nos agregados que integram. Vendo-se as pessoas com uma “vida quotidiana situada, rotinizada e envolvida em diferentes círculos de interacção social” (SIMONSEN, 2004: 44), em que há uma fixidez, na frequência quotidiana de certos *lugares*, do espaço e do tempo (Figura 1). Para SIMONSEN (2004: 45) os ritmos implicam, precisamente, esta relação entre o tempo, o espaço e o *lugar*. Aqui procuram abordar-se as práticas de vida quotidianas, das pessoas nos *lugares* e nos *espaços* que enquadram as suas acções, pelo que o que importa relevar é (são) o(s) território(s) da vida quotidiana. E, neste sentido, mais do que abordar o território em si procuram aqui versar-se, como já se deixou perceber, as territorialidades. Temos que, de resto, estão intimamente associados (GAMA, 1988: 75). As territorialidades individuais são assim construídas quotidianamente, através dos laços que as pessoas estabelecem com os *lugares* e o *espaço* onde situam, de forma sequenciada e repetitiva, temporal e espacialmente, as suas práticas. DI MÉO (1998: 83) refere-se à construção complexa, à escala individual, de uma territorialidade do quotidiano, (2001: 44) formada por esquemas mentais, que resultam da experiência prática do mundo. Para SIMONSEN, (2004: 45) no espaço urbano colidem múltiplas espacialidades e temporalidades, o mesmo é dizer, na conceptualização de DI MÉO, múltiplas territorialidades. Para GAMA (1988: 75) “a territorialidade humana desenha territórios”, sendo que este desenho ocorre no espaço, elemento que contém o território, este último, como aliás sustenta, pressupõe um espaço.

O tempo e o espaço, que medeiam entre os *lugares*, são vencidos pela mobilidade espacial. Deste modo, o território do quotidiano alicerça-se nas deslocamentos quotidianas (VIARD, 1996: 299). Para VIARD (1996: 302) uma abordagem dos *lugares* tem, necessariamente implícita, uma referência à mobilidade (Figura 1).

A mobilidade espacial será central na análise pois é essencial para alargar as territorialidades individuais e colectivas. Para além de que, como sustenta REMY (2004: 23), ela está na base do modo como o *lugar* e o território adquirem sentido. Ao acontecer no espaço que liga os *lugares* é através dela que o território adquire significação individual. Para SIMONSEN, (2004: 43) a mobilidade e a velocidade aumentam, vive-se num espaço de fluxos, - resultado

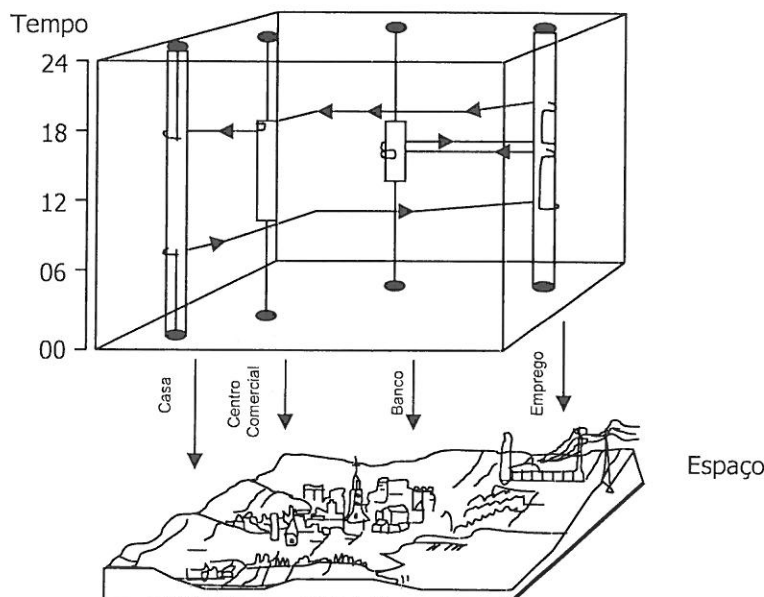


Figura 1

Representação gráfica dos lugares e das espaço-temporalidades no quotidiano.
 Fonte: LENNORP, referido por MARTÍNEZ, et al. 1995: 309 (Adaptado)

das novas tecnologia da informação, num mundo globalizado - que muda a apreensão do espaço e do tempo.

A mobilidade espacial é essencial. As pessoas vivem cada vez mais num espaço geográfico que deixou de ser contínuo para se tornar descontínuo, despedaçado, fragmentado, (BELLANGER; MARZLOFF, 1996: 149), policêntrico, "multiplex" (HEALEY, 2003: 517), em que os lugares se constituem como "ilhas", "estações" (HÄGERSTRAND), "âncoras" (DEBARBIEUX, 1995) no espaço quotidiano, sendo que os trajectos diários que ligam as "ilhas" remetem, em termos de estrutura espacial, para a noção de "arquipélago" (VIARD, 1996: 299; FERRIER, 2003: 914; REMY²; 2004: 33) (Figura 2).

² Para REMY (2004: 32 e seguintes) a representação dos espaços de vida deixa de ser "centrada" para passar a ser em "arquipélago" quando a distância deixa de ser importante para definir a frequência e a intensidade da interacção. Assim a representação dos espaços de vida em "arquipélago" adequa-se às pessoas que têm itinerários múltiplos, que envolvem lugares dispersos, num espaço multipolarizado, em que ocorrem no espaço relações centrífugas, e diferencia-se da representação "centrada", em zonas concêntricas, em que os espaços de vida se estruturam a partir do lugar de residência, sendo a acessibilidade "centrada", as relações com o espaço centrípetas, em que os lugares menos significativos estão mais afastados assumindo estes uma configuração espacial mais periférica.

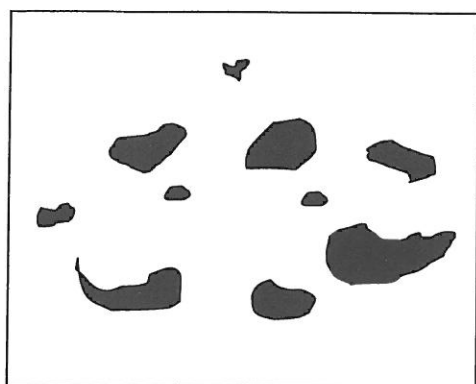
Uma interpretação dos "arquipélagos" individuais permite, nomeadamente, ler os modos e os estilos de vida das pessoas, que cada vez mais se alicerçam em práticas sociais diversas, quantitativa e qualitativamente, temporal e espacialmente. Práticas quotidianas que estão a integrar crescentemente o consumo, o lazer, o turismo, a cultura, o desporto..., para além do emprego e do trabalho.

A multiplicação das esferas de actividade, a que se soma um afastamento topográfico dos lugares da vida quotidiana, permite, ainda assim, descortinar, na interpretação dos quotidianos, uma espacialidade reticular topológica, em que a estrutura, no espaço, das territorialidades quotidianas é marcada pelos princípios da continuidade, da contiguidade, da vizinhança e da proximidade.

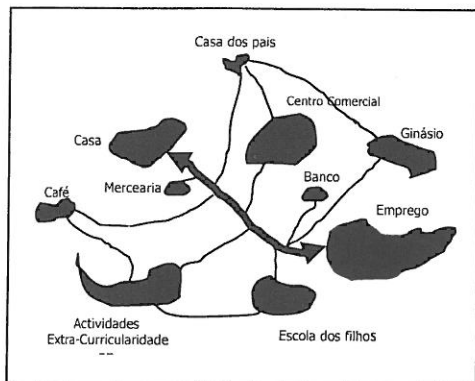
No sistema de lugares os lugares de residência e de emprego são estruturantes dos quotidianos (Figura 2B), a escolha destes faz-se sempre em função das proximidades.

Os lugares de residência e de emprego

A casa é, para CRESSWELL (2004: 24), a noção de lugar mais familiar e que maior significado tem para as pessoas. DEBARBIEUX (2003: 911), por seu turno, entende-a como um território. São vários os geógrafos



(A)



(B)

Figura 2

(A) Os lugares e territórios do quotidiano. As "ilhas", as "estações" e/ou as "âncoras".

(B) A mobilidade como elemento estruturante dos "arquipélagos" / territorialidades individuais.

Fonte: Elaboração própria.

que reconhecem a importância deste *lugar*: da esfera doméstica, do privado, da intimidade, nomeadamente, ANDRÉ (1990: 333), GAMA *et al* (1995: 95), DOMOSH (1998: 276), MCDOWELL (2003: 503) e COLLIGNON e STASZAK (2004: 3).

Os *lugares* em geral, mas a casa em particular, são a radícula da interacção entre os géneros. Naquele que foi um *lugar* caracteristicamente feminino redefinem-se, hoje, as atribuições e as acções dos homens e das mulheres. As responsabilidades partilhadas são as mais características, o que é visível, nomeadamente, no domínio do consumo (Figura 3). Ainda assim, há responsabilidades em que o género masculino assume maior protagonismo como o tratar de questões relacionadas com a banca e com as seguradoras, participando mais na aquisição de bens ocasionais e excepcionais do que na de bens de consumo diário.

Para REMY (2004: 29) a casa converte-se no *lugar* que federa a mobilidade quotidiana. É a partir deste *lugar* fixo, que é a residência principal, que se estru-

turam as outras deslocações e que se estruturam os *lugares* que assumem maior significado no quotidiano.

As motivações que orientam a escolha da localização da residência principal no centro urbano de Coimbra são importantes para interpretar a significação do espaço. As proximidades, físicas e relacionais, são factores muito importantes na escolha do *lugar* para residir. A proximidade de familiares e do emprego da mulher, bem como as boas acessibilidades, que abrem o campo das possibilidades dos *lugares* de acção e de interacção, são os factores mais elencados pelos residentes neste centro urbano de média dimensão (MOREIRA, 2005: 268). REMY (2004: 16) considera que o termo proximidade tem duas conotações: social e espacial, a espacial pressupõe o contacto físico, implicando contiguidade, e a social estimula as interacções entre indivíduos, sendo que as proximidades espaciais facilitam certas interacções. Considera-se que a proximidade de familiares, referida como motivação para a escolha do *lugar* de residência, é espacial e social, e isto é notório pelo importante suporte que representam as relações familiares intergeracionais descendentes, porque são mais frequentes, mas também, e cada vez mais, as ascendentes.

O rio Mondego é um elemento físico importante para definir as representações do espaço e a definição dos *lugares* de residência (Figura 4). O preço mais baixo do terreno e da habitação na margem sul explicam, para grande parte dos inquiridos, a escolha de Santa Clara como freguesia de residência, o que é revelador de uma certa segregação sócio-espacial, principalmente evidente no espaço urbano consolidado desta freguesia, a este factor juntam-se a proximidade de familiares e do *lugar* de emprego da mulher. Estas proximidades são factores relevantes na escolha do *lugar* de residência na margem direita, ainda assim, aqui, destacam-se as boas acessibilidades que possibilitam aumentar a interacção social, bem como a proximidade do comércio e dos serviços, nomeadamente, de educação dos filhos e do emprego do marido, que são os factores que os residentes na margem direita mais valorizam quando comparados com os da margem esquerda. Naquela margem direita o perfil da oferta terciária, em quantidade e diversidade, é um dos elementos mais valorizados pelos residentes nas freguesias da Sé Nova e de Santo António dos Olivais.

Para HARVEY (2004: 293) os *lugares* são construídos socialmente, como é o espaço para LEFÈVRE (1974). Esta construção é defendida pela geografia humana crítica, nomeadamente por MASSEY (1994), pelos geógrafos radicais, que integram, nomeadamente, as correntes feministas e culturalistas, pós-estruturalistas. Para estes os *lugares* reflectem as

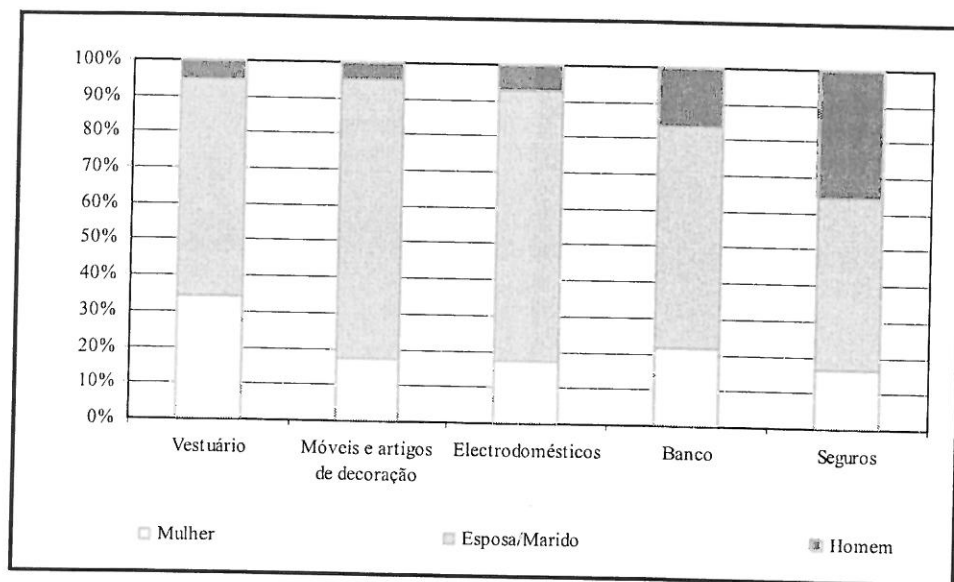


Figura 3

Responsabilidades de consumo entre a população casada, residente no centro urbano de Coimbra, em 2004.

Fonte: Inquérito ao uso e percepção do tempo e do espaço no quotidiano da população em geral e das mulheres em particular, 2004.

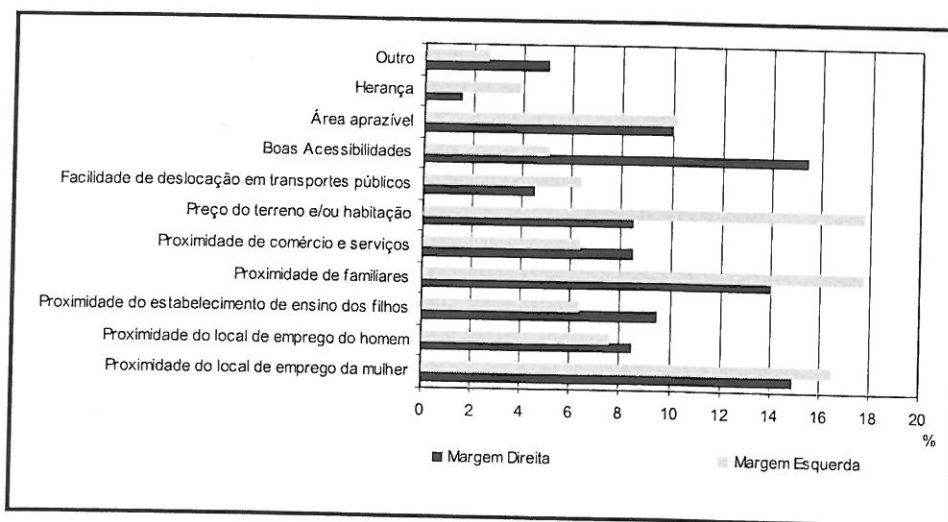


Figura 4

Importância relativa dos factores que mais pesam na escolha do local de residência para os residentes em cada uma das margens do centro urbano de Coimbra em 2004.

Fonte: Inquérito ao uso e percepção do tempo e do espaço no quotidiano da população em geral e das mulheres em particular, 2004.

relações de poder, de domínio, de subordinação *do(s) outro(s)*. Relações que atravessam a sociedade, da economia (capitalismo) à cultura (colonialismo), passando, no domínio do social, pelas relações entre os géneros (patriarcalismo).

Na espacialização dos quotidianos há uma matriz social, do socialmente construído, que emerge.

As estruturas sociais imprimem uma diferenciação nas espacialidades quotidianas. Entre os factores que induzem as territorialidades diferenciadas podem-se referir o sexo e o género, a pertença sócio-profissional, a conjugalidade, a idade, a etnia, entre outras. No presente estudo serão relevadas apenas as duas primeiras.

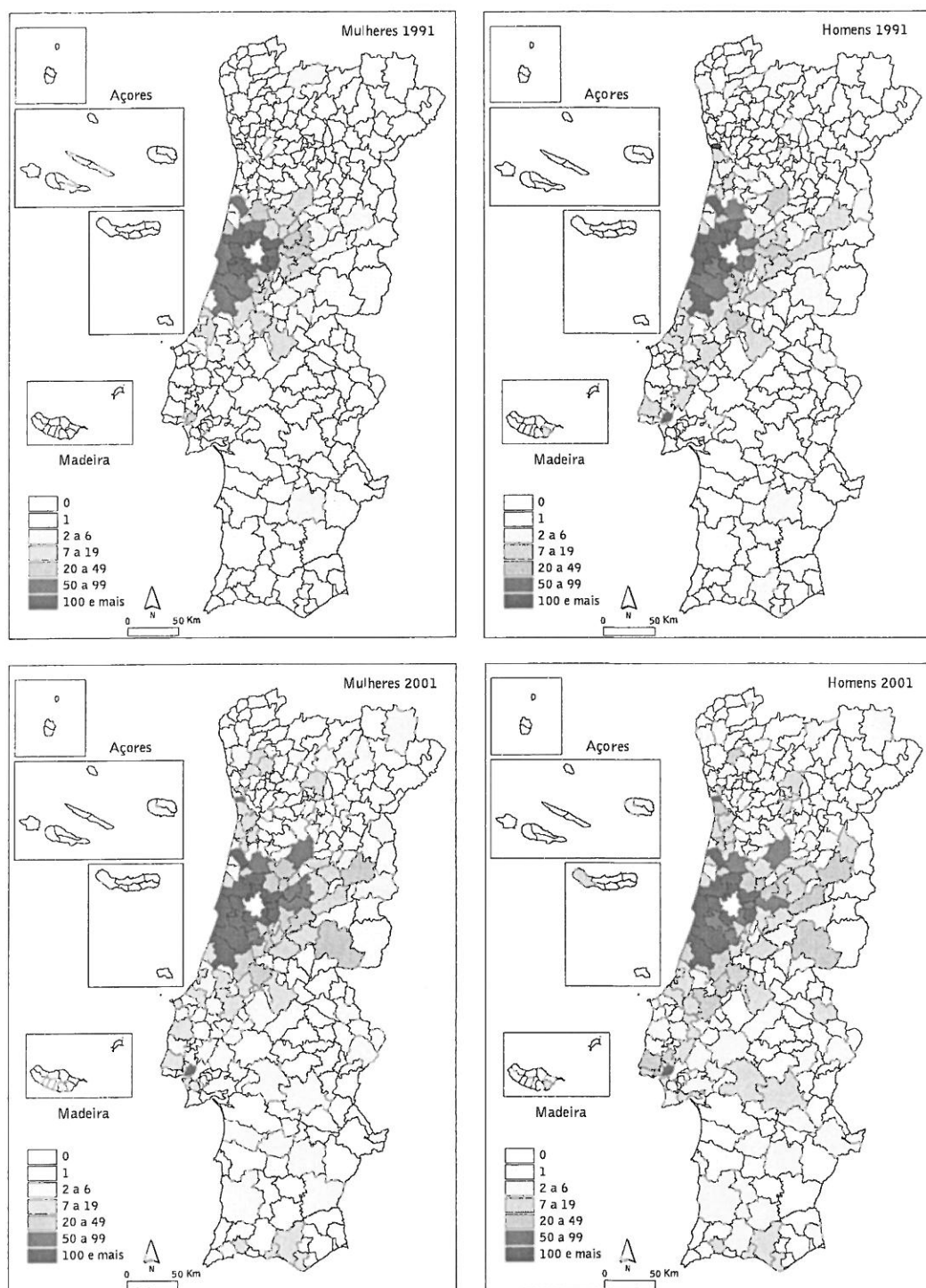


Figura 5

Mobilidade espacial de emprego, no concelho de Coimbra, por sexo, em 1991 e 2001.

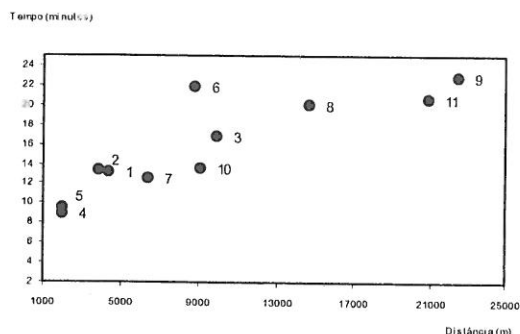
Fontes: XIII e XIV Recenseamentos Gerais da População Portuguesa, 1991 e 2001, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.

Elaborado por MOREIRA (2005: 285).

Em termos de género feminino é notória uma selectividade espacial nos *lugares* de emprego, que se caracteriza por uma valorização dos territórios de proximidade geográfica. Em estudos precedentes (MOREIRA, 2005) concluiu-se, relativamente à população residente no concelho de Coimbra, que o emprego na freguesia de residência é uma realidade mais comum entre as mulheres do que entre os homens, sendo a realidade inversa quando a escala geográfica passa a ser o outro concelho que não o de residência. A reduzida capacidade de mobilidade espacial, a menor solvência, a maior dependência dos transportes públicos, as responsabilidades familiares, entre outros factores, levam as mulheres a elegerem os *lugares* que estão topograficamente próximos da residência para exercer uma actividade económica. A integração sócio-económica terciária leva, ainda assim, muitas das mulheres que residem nas freguesias da bordadura do concelho de Coimbra a uma mobilidade espacial centrípeta, dada a fraca dotação destes *lugares*, mais marginais, em termos de comércio e de serviços. No que se refere ao emprego noutro concelho, no espaço de uma década, é notório um alargamento das territorialidades da população residente no concelho de Coimbra (Figura 5). O padrão da mobilidade espacial de emprego deixa de ser tão circunscrito ao quadro regional do centro de Portugal. Ainda assim é nesta região que estão ancorados os quotidianos de emprego. Identidade regional visível num padrão espacial que se intensifica nos concelhos que coroam o de Coimbra, com distensões a Norte até Aveiro, mas fundamentalmente a Sul até Leiria. O interior adquire expressividade mais limitada. Os lugares do quotidiano estão claramente associados às acessibilidades e ao itinerário principal número três, adquirindo significado concelhos como Viseu, Arganil, Tábua e Oliveira do Hospital.

As pertenças sociais e profissionais definem as distâncias reais, as distâncias tempo, as escalas, nas territorialidades individuais (Figura 6). O mesmo é dizer que definem diferentes relações com o espaço. As pessoas que integram as categorias sócio-profissionais baixa, média-baixa e média, ligadas ao comércio e aos serviços restrin-gem, espacial e temporalmente, a sua pendularidade, explicada pela menor solvência e pela maior dependência dos transportes públicos. As maiores distâncias, espaciais e temporais, envolvem os quadros superiores, directores e administradores, bem como os profissionais liberais, cuja bacia de emprego é espacialmente mais distendida.

Há uma ligação dos *lugares* às funções, assistindo-se a uma dissociação funcional dos *lugares* (FRÉMONT, 1980: 137 e 139), pelo que as necessidades quotidianas projectam as pessoas para um número crescente de funções, o mesmo é dizer de *lugares*, que vão além dos de emprego. *Lugares* que apesar de



Legenda das categorias sócio-profissionais: 1 - Classe baixa/média-baixa empregada no comércio e serviços; 2 - Classe média empregada no comércio e serviços; 3 - Operários, trabalhadores dos transportes e comunicações, mecânicos e trabalhadores da construção civil; 4 - Fomecedores de serviços pessoais; 5 - Comerciantes e viajantes; 6 - Funcionários públicos, técnicos e funcionários intermédios; 7 - Técnicos e funcionários superiores; 8 - Professores; 9 - Quadros superiores, directores e administradores; 10 - Empresários e 11 - Profissionais liberais.

Figura 6

Mobilidade espacial de emprego segundo a categoria socio-profissional da população residente no centro urbano de Coimbra em 2004. Fonte: Inquérito ao uso e percepção do tempo e do espaço no quotidiano da população em geral e das mulheres em particular 2004.

se encontrarem topograficamente afastados estão, cada vez mais, temporalmente próximos, os *lugares* de consumo e de lazer evidenciam isto mesmo.

Os lugares de consumo e de lazer

As territorialidades associadas ao consumo e ao lazer ligam-se, com frequência, a escalas espaciais diferenciadas das de emprego, abordadas anteriormente, adquirindo especificidades em função do tipo de bem ou de serviço considerado. No domínio de consumo afirmam-se, à escala do espaço urbano de Coimbra, "policentrismos" já identificados por SANTOS (2003: 228).

Aqui, a ubiquidade, do bem ou serviço, concorre para explicar o carácter mais ou menos restrito das espacialidades. Tomem-se, como exemplo, os serviços bancários (Figura 7), cuja dispersão e concentração destes no espaço urbano decalcam as centralidades mais importantes de Coimbra, apresentando cada centralidade, implantações crescentes, no tempo, das várias instituições. Os pontos de prestação destes serviços, embora com um carácter muito localizado, tendem para a dispersão, procurando através da proximidade física reduzir a mobilidade espacial da procura. A sua escala de utilização quotidiana preferencial é a cidade, espaço particularmente bem dotado destes serviços. No território nacional adquirem significado *lugares* próximos deste centro urbano, estreitamente ligados aos concelhos que envolvem o concelho de Coimbra, *lugares* integrados no quotidiano pela mobilidade espacial de emprego.

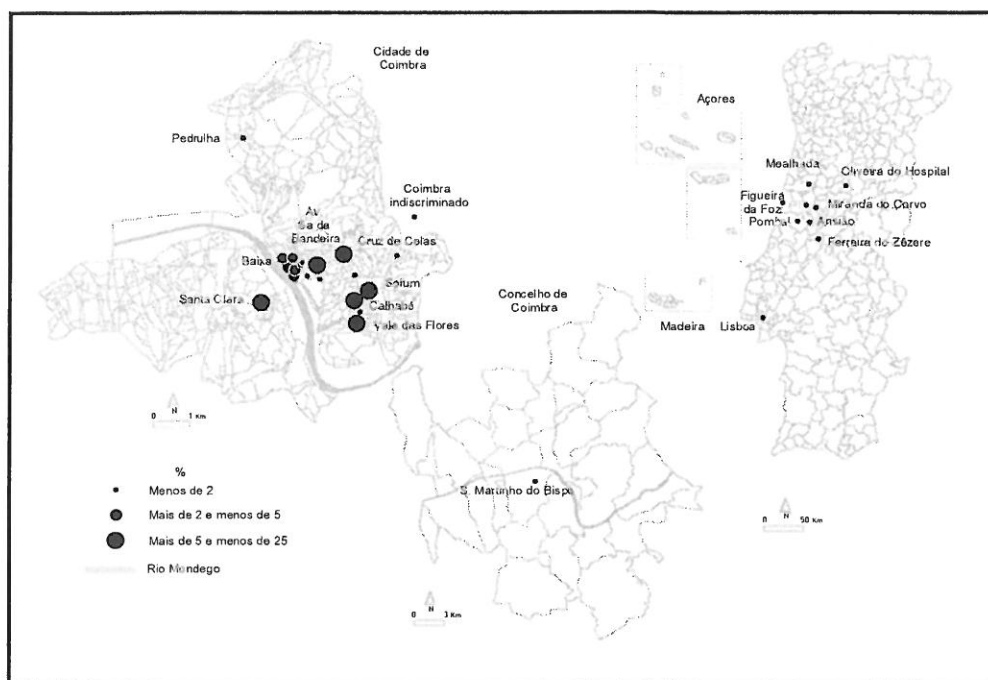


Figura 7

Lugares de procura de serviços bancários por parte da população residente no centro urbano de Coimbra.

Fonte: Inquérito ao uso e percepção do tempo e do espaço no quotidiano da população em geral e das mulheres em particular, 2004.

Quando os consumos se referem à aquisição de vestuário a escala urbana adquire também especial relevância, sendo no entanto evidente uma selectividade na escolha dos *lugares* (Figura 8). À escala do espaço urbano surgem importantes polaridades comerciais com uma atractividade diferenciada pela tipologia dos estabelecimentos comerciais que nelas se implantam: Celas e Solum com pequenos centros comerciais e com comércio tradicional que comercializa vestuário de gama média, média-alta; o Vale das Flores em que a atractividade é exercida por grandes superfícies comerciais e a Baixa da cidade que não perde expressão espacial neste domínio, que é o do pronto-a-vestir, o que se poderá explicar pela implantação de lojas franqueadas de cadeias nacionais e internacionais e por pequenos unidades comerciais tradicionais com relativa qualidade. Aveiro, Porto e Lisboa, destacam-se entre os *lugares* escolhidos para a compra de vestuário no território nacional. A diversidade do aparelho comercial, a representação de algumas marcas de moda mais conceituadas, em suma, a qualidade e a variedade da oferta explicam certamente estas preferências.

No que se refere às territorialidades associadas ao consumo de bens ocasionais, como é a aquisição de móveis e de artigos de decoração (Figura 9), a especia-

lização dos *lugares* de produção em Portugal continental explica a escolha dos *lugares* de aquisição por parte da população residente no espaço urbano de Coimbra. A análise sob a perspectiva espacial aponta para uma menor dependência da cidade de Coimbra na compra desta categoria de artigos para o lar, pois a espacialidade de aquisição transpõe os limites do centro urbano.

Com uma espacialidade muito mais descentralizada à escala do espaço urbano surgem os *lugares* de lazer. A título de exemplo estão aqui representados os *lugares* escolhidos para jantar fora por lazer (Figura 10). O carácter menos obrigatório, que as sociabilidades envolvem, a par de uma oferta que se dissemina pelo espaço urbano, levam a que estas deslocações, tendencialmente menos frequentes do que as deslocações para o emprego, apresentem uma maior dispersão espacial.

Ainda no domínio do lazer representaram-se os *lugares* eleitos por dois grupos de categorias sócio-profissionais para sair ao fim-de-semana (Figura 11), evidenciando-se como as pertenças sociais condicionam as espacialidades. Os estratos sociais mais afluentes subvalorizam os *lugares* que se situam no espaço urbano e no concelho onde residem, procuram *lugares* que se situam no território nacional, ancorando as suas territorialidades em *lugares* que se situam ao longo do

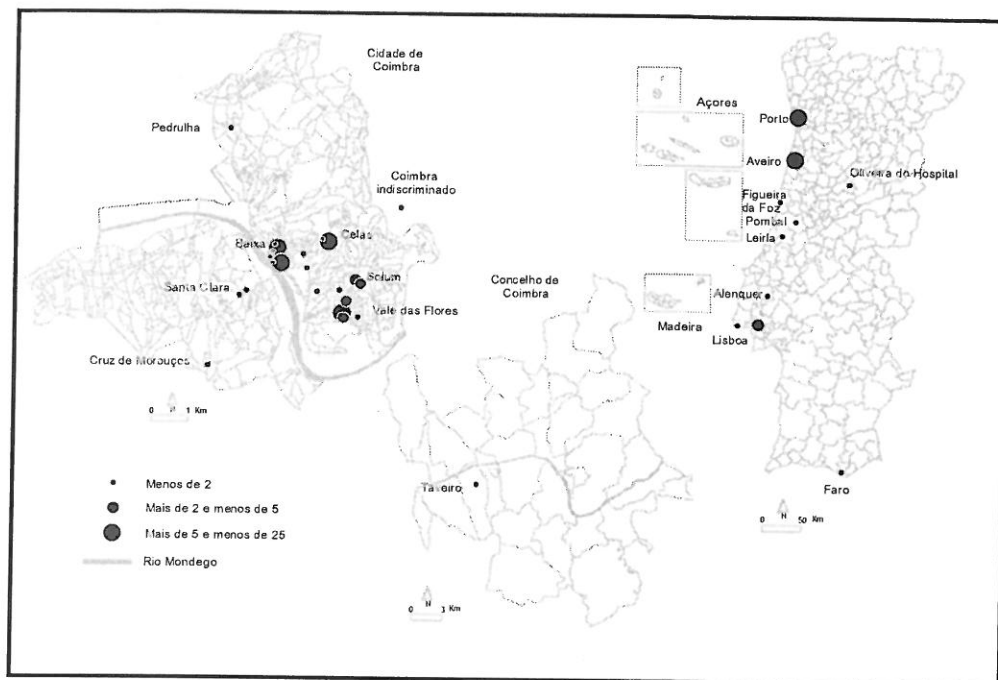


Figura 8

Lugares de compra de vestuário por parte da população residente no centro urbano de Coimbra.

Fonte: Inquérito ao uso e percepção do tempo e do espaço no quotidiano da população em geral e das mulheres em particular, 2004.

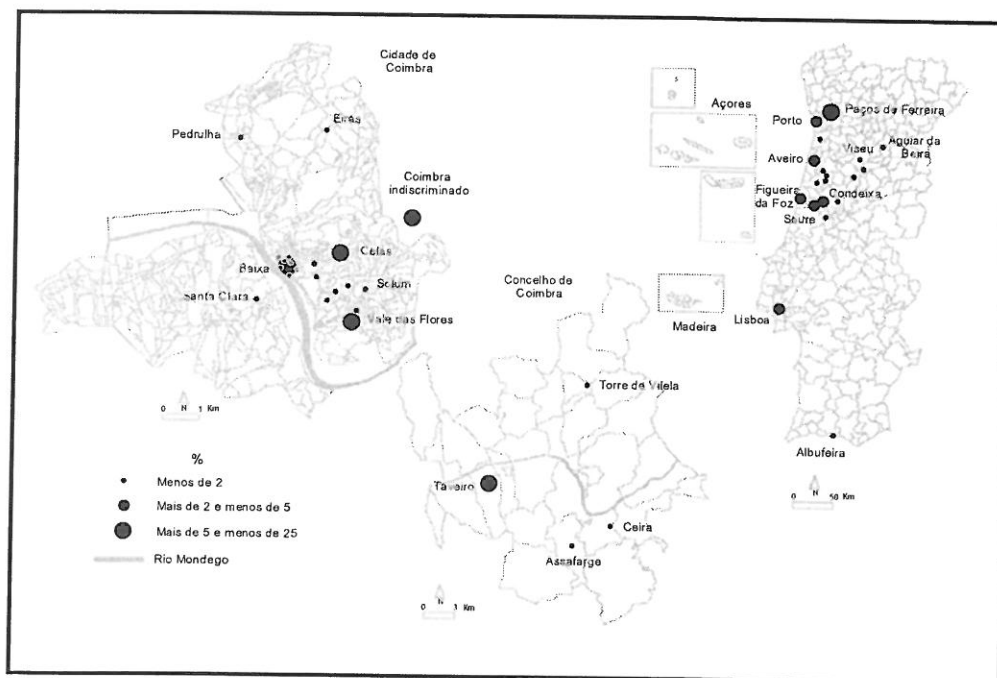


Figura 9

Lugares de compra de móveis e artigos de decoração por parte da população residente no centro urbano de Coimbra.

Fonte: Inquérito ao uso e percepção do tempo e do espaço no quotidiano da população em geral e das mulheres em particular, 2004.

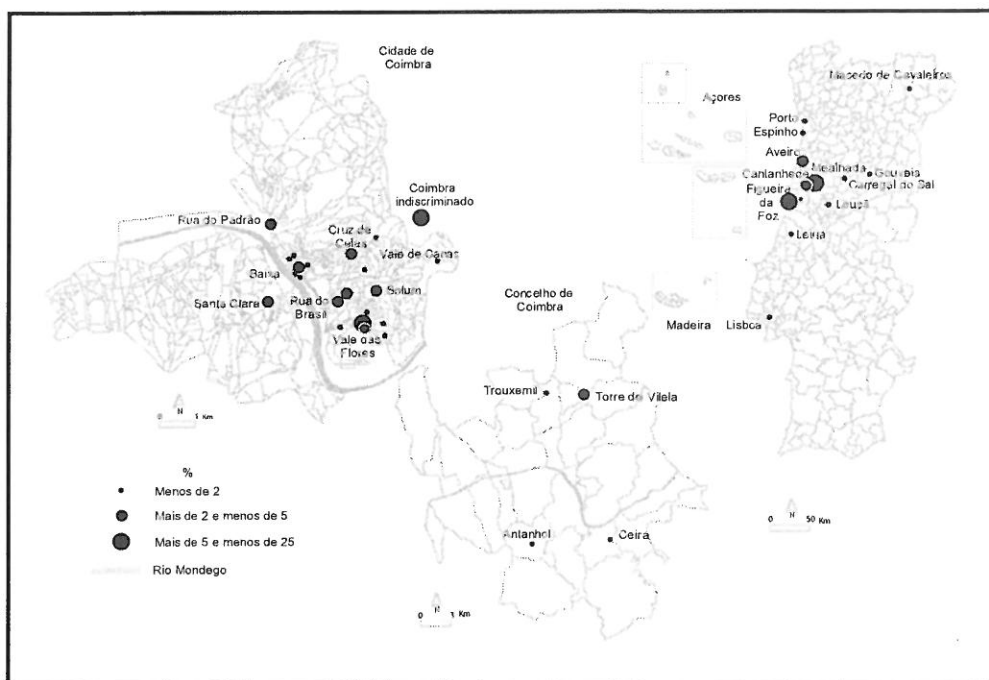


Figura 10

Lugares escolhidos para jantar por lazer por parte da população residente no centro urbano de Coimbra.

Fonte: Inquérito ao uso e percepção do tempo e do espaço no quotidiano da população em geral e das mulheres em particular, 2004.

litoral, num contínuo ente o Porto e a Figueira da Foz, para além de Lisboa e de Portimão, valorizando as praias mais próximas de Coimbra: Figueira da Foz, Quiaios, Tocha e Mira. Mas também o interior próximo: Penacova, Vila Nova de Poiares e Lousã. Este padrão espacial contrasta claramente com o dos residentes pertencentes a estratos baixos, médio-baixos e médios da sociedade, que valorizam mais, à escala nacional, *lugares* que se situam muito próximos do concelho de Coimbra, evidenciando à escala urbana e do concelho um padrão muito disperso que possivelmente está ligado a *lugares* onde as relações de parentesco assumem significado.

Considerações finais

Os *lugares* são referenciais espaciais importantes na compreensão da espaço-temporalidade, dos espaços de vida e dos espaços vividos na sociedade contemporânea. Numa época em que os quotidianos envolvem, do ponto de vista funcional, vários *lugares*, em que o tempo escasseia, e em que o espaço, onde se localizam os *lugares*, tem de ser vencido, com ganhos de tempo para proveito pessoal e familiar, a mobilidade espacial

adquire particular importância. Nesta, a mobilidade espacial de emprego, pelo carácter estruturante no quotidiano, assume-se como um importante elemento para interpretar as diferentes relações com os *lugares*.

Conclui-se que os *lugares* da vida quotidiana exprimem processos sociais, económicos e culturais, pelo que são diferenciados quando interpretados em função de diferentes categorias de análise, como os géneros, as categorias sócio-profissionais, entre outras. A sócio-economia familiar assume-se neste contexto como um elemento importante na definição dos *lugares* de referência. Os padrões espaciais da população residente no centro urbano de Coimbra revelam que os *lugares* do quotidiano surgem marcados pelas relações de proximidade física e relacional na escolha dos *lugares* para residir, para trabalhar, para consumir.

À escala do espaço urbano a Baixa da cidade é um *lugar* que protagoniza significativamente os quotidianos da população de Coimbra, essencialmente no domínio do consumo, pela diversidade de serviços que apresenta e por possuir um comércio que, apesar das debilidades, oferece níveis de especialização apreciáveis. Mas as mudanças operadas na organização comercial da cidade de Coimbra — com o surgimento de novas formas de comércio, de centros comerciais, de hipermercados de grandes superfícies especializadas — reflectem-se nos

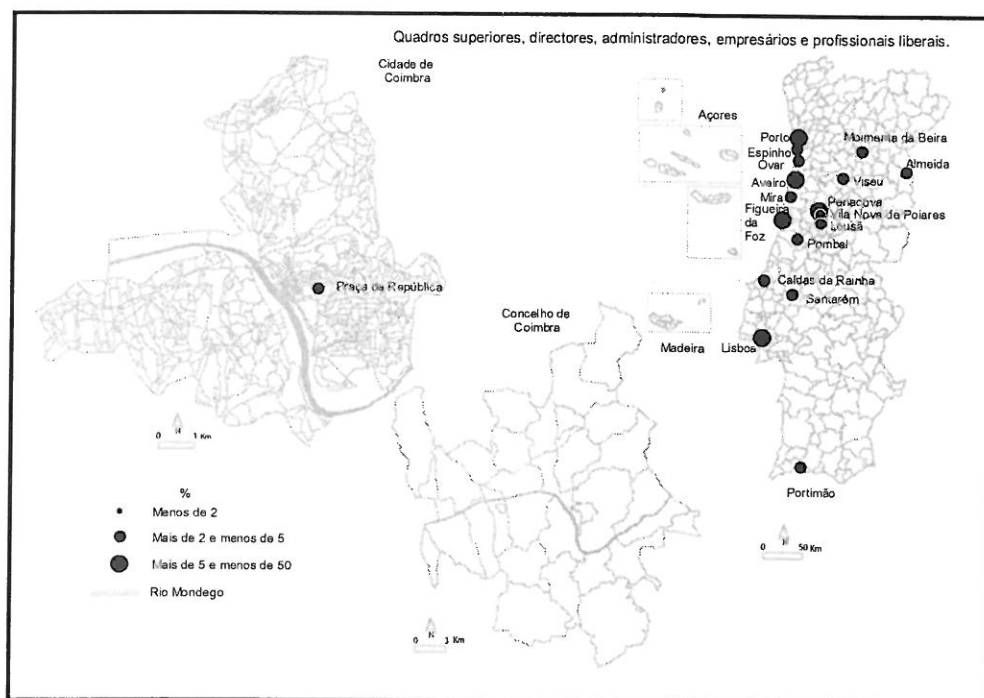
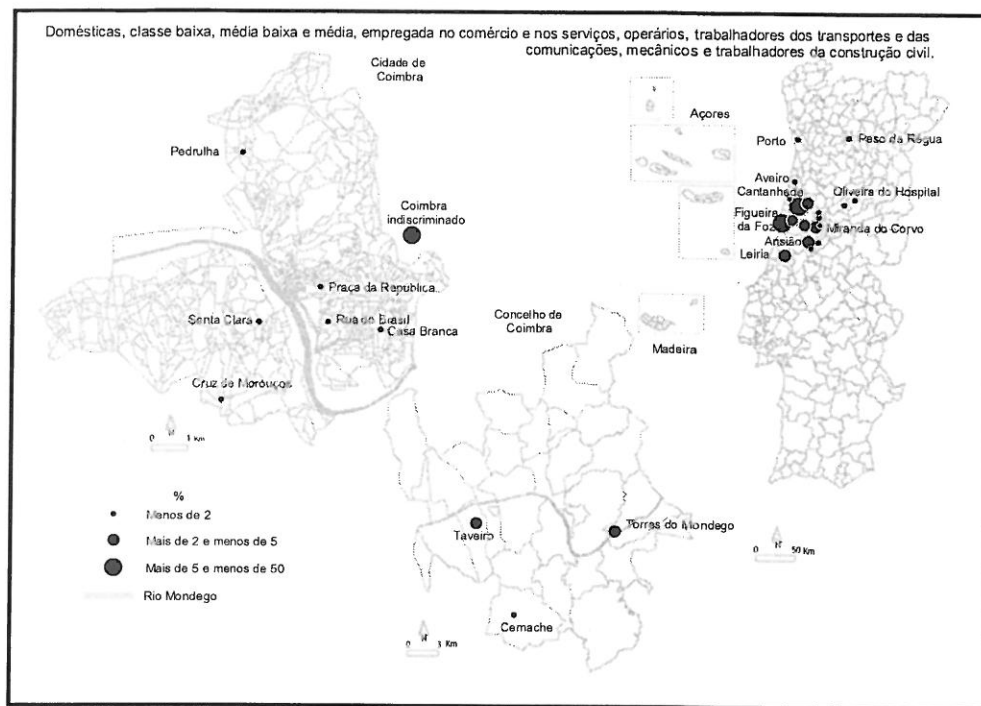


Figura 11

Lugares de saída ao fim-de-semana por parte da população residente no centro urbano de Coimbra, em função da categoria sócio-profissional.
 Fonte: Inquérito ao uso e percepção do tempo e do espaço no quotidiano da população em geral e das mulheres em particular, 2004.

lugares de compra dos consumidores. E, em algumas das áreas, de expansão da função residencial, vê-se aumentar a oferta de comércio e de serviços de proximidade, importantes para criar e reforçar as centralidades urbanas. A imbricação das funções nos *lugares* é potenciadora de uma vida com qualidade, devendo este princípio ser integrado crescentemente nas práticas de planeamento do território.

À escala nacional a Região Centro, e os *lugares* que a compõem, é o espaço privilegiado para ancorar as territorialidades quotidianas, destacando-se nesta as relações interurbanas de proximidade.

Bibliografia

- ANDRÉ, Isabel Margarida (1990) - "O género em geografia introdução de um novo tema", *Finisterra*, XXV, 50, Lisboa, pp. 331-348.
- ÅQUIST, Ann-Cathrine (2004) - "Time-space rhythms and everyday urban life". In MELS, Tom (ed.) - *Reanimating places: a geography of rhythms - (Re-materialising cultural geography)*. Ashgate, Aldershot, pp. 161-172.
- BELLANGER, François e MARZLOFF, Bruno (dir.) (1996) - *Transit, les lieux et les temps de la mobilité*. Editions de l'Aube, Paris.
- COLLIGNON, Béatrice e STASZAK, Jean-François (2004) - "Entrées dans l'espace domestique". COLLIGNON, Béatrice e STASZAK, Jean-François - *Actes du colloque international sur les espaces domestiques - Espaces domestiques: construire, habiter, représenter*, Institut de Géographie de Paris, Bréal, Paris.
- CRESWELL, Tim (2004) - *Place: a short introduction*. Blackwell, Oxford.
- DEBARBIEUX, Bernard (1995) - "Le lieu, le territoire et trois figures de rhétorique", *L'Espace géographique*, 2, pp. 97-112.
- DEBARBIEUX, Bernard (1996) - "Le lieu, fragment et symbole du territoire". *Espaces et sociétés*, 82-83, L'Harmattan, Paris, pp. 13-35.
- DEBARBIEUX, Bernard (2003) - "Territoire". In Jacques Lévy e Michel Lussault, *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*. Belin, Paris, pp. 910-912.
- DI MEIO, Guy (1998) - *Géographie sociale et territoires*. Nathan, Paris.
- DI MEIO, Guy (2000) - "Que voulons-nous dire quand nous parlons d'espace?". In LEVY, Jacques e LUSSAULT, MICHEL (dir.) - *Logiques de l'espace, esprit des lieux. Géographies à Cerisy*. Belin, Paris, pp. 37-48.
- DOMOSH, Mona (1998) - "Geography and gender: home, again?". *Progress in Human Geography*, 22(2), pp. 276-282.
- ENTRIKIN, J. Nicholas (2003) - "Lieu". In LEVY, Jacques e LUSSAULT, Michel - *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*. Belin, Paris, pp. 557-560.
- FERRIER, Jean-Paul (2003) - "Territoire". In LEVY, Jacques e LUSSAULT, Michel - *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*. Belin, Paris, pp. 912-917.
- FRÉMONT, Armand (1980) - *A região, espaço vivido*. Livraria Almedina, Coimbra.
- GAMA, António (1988) - "O território como inscrição do poder". *LOCUS*, 2-3, Coimbra, pp. 74-79.
- GAMA, António; SANTOS, Norberto; SERRA, Nuno (1995) - "Esfera doméstica, urbanização e relações de residência". *Actas do IV Colóquio Ibérico de Geografia - A Península Ibérica - um espaço em mutação*, Vol. I, Universidade do Porto, Porto, pp. 95-104.
- HARVEY, David (2004) - *Justice, nature, and the geography of difference*. Blackwell, Oxford.
- HEALEY, Patsy (2003) - "Planning in relational space and time: responding to new urban realities". In BRIDGE, Gary e WATSON, Sophie (ed.) - *A companion to the city*. Blackwell Companions to Geography, Blackwell, Oxford.
- LEFÈVRE, Henri (1974) - *La production de l'espace*. Anthropos, Paris.
- LEVY, Jacques (2003) - "Lieu". In LEVY, Jacques e LUSSAULT, Michel - *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*. Belin, Paris, pp. 560-561.
- LUSSAULT, Michel (2003) - "Lieu". In LEVY, Jacques e LUSSAULT, Michel - *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*. Belin, Paris, pp. 561-563.
- MASSEY, Doreen (1994) - *Space, place and gender*. Polity Press, Cambridge.
- MCDOWELL, Linda (2003) - "Feminists rethink the economic: the economics of gender/the gender of economics". In CLARK, Gordon L.; FELDMAN, Maryann P. e GERTLER, Meric S. - *The oxford handbook of economic geography*, Oxford University Press, Oxford, pp. 497-517.
- MARTÍNEZ, Ana Sabaté; MOYA, Juana M. Rodríguez e MUÑOZ, M. Ángeles Díaz (1995) - *Mujeres, espacio y sociedad: hacia una geografía del género*. Editorial Síntesis, Madrid.
- MOREIRA, Claudete Oliveira (2005) - *A geografia e o género: um encontro urbano. Os tempos e os espaços nos territórios de Coimbra*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

- MUÑOZ, María Ángeles Díaz (1992) - "Espacio y tiempo en la actividad cotidiana de la población". In BOSQUE SENDRA, Joaquín et al. (coord.) - *Prácticas de geografía de la percepción y de la actividad cotidiana*. Oikos-tau, Barcelona, pp. 15-43
- REMY, Jean (2004) - "Culture de la mobilité et nouvelles formes de territorialité". In VADOZ, Luc; GIAUQUE, Barbara e JEMELIN, Christophe (dir.) - *Les territoires de la mobilité: L'aire du temps*. Presses polytechniques et universitaires romandes, Lausanne, pp. 13-42
- RONCAYOLO, Marcel (1986) - "Território". In *Enciclopédia Einaudi*, vol. 8. Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa.
- SANTOS, Norberto Pinto dos (2001) - *A sociedade de consumo e os espaços vividos pelas famílias. A dualidade dos espaços, a turbulência dos percursos e a identidade social*. Edições Colibri, Centro de Estudos Geográficos de Coimbra, Coimbra.
- SANTOS, Norberto Pinto dos (2003) - "Cidade: espaço social e espaço vivido". In CAETANO, Lucília (coord) - *Território, ambiente e trajetórias de desenvolvimento*, Centro de Estudos Geográficos de Coimbra, Coimbra, pp. 219-258
- SIMONSEN, Kirsten (2004) - "Spatiality, temporality and the construction of the city". In BÆRENHOLDT, Jørgen Ole e SIMONSEN, Kirsten (eds.) - *Space odysseys: spatiality and social relations in the 21st century*. Ashgate, Aldershot, pp. 43-61.
- STASZAK, Jean-François (2001) - "Nouvelles approches du lieu: introduction". In STASZAK, Jean-François et al. - *Géographies anglo-saxonnes tendances contemporaines*, Éditions Belin, Paris, pp. 249-255.
- TUAN, Yi-Fu (2002) - *Space and place the perspective of experience*. University of Minnesota Press, Minneapolis.
- VIARD, Jean (1996) - "Les interviews". In BELLANGER, François e MARZLOFF, Bruno (dir.) - *Transit, les lieux et les temps de la mobilité*. Editions de l'Aube, Paris.